

A RIQUEZA É UMA ILUSÃO

Solange Maria Soares de Almeida (UFC)¹
Ana Maria César Pompeu (UFC)²

Resumo: A peça *Pluto*, de Aristófanes, mostra a influência da riqueza ou do deus Pluto na vida de cada cidadão, seja esta por sua presença ou por sua ausência. Neste artigo, serão apresentados alguns elementos textuais, presentes nas falas das personagens Pobreza (carência) e Pluto (riqueza), que ilustrariam a ideia da riqueza como uma ilusão humana. Esta seria a filosofia de *Pluto*. A universalidade deste tema favoreceu um grande interesse pela peça e a fez muito popular na Antiguidade. Para auxiliar na fundamentação desta discussão, será utilizado o artigo “The *Plutus* of Aristophanes”, de Jan H. Barkhuizen, no qual o autor conclui que não há de fato relação alguma entre virtude e riqueza ou virtude e pobreza. Além deste, servirão de apoio teórico o livro *O dono da voz e a voz do dono*: a parábase na comédia de Aristófanes, de Adriane da Silva Duarte, e a peça *Pluto*, de Aristófanes, com tradução de Américo da Costa Ramalho.

Palavras-chave: Ilusão. Filosofia. Comédia.

*Mas a vida do pobre é a de quem poupa e se aplica ao trabalho,
a quem nada sobra, não decerto, mas também nada falta.*
(Aristófanes, *Pluto*)

Introdução

A riqueza sempre foi almejada pelos homens. Quem jamais desejou ser rico? Quem nunca pensou que tudo seria bem melhor na ausência da pobreza? Fundamentado neste desejo e neste engano humanos, Aristófanes criou o enredo de *Pluto*.

Utiliza-se como *corpus* desta pesquisa a peça *Pluto*, o artigo “The *Plutus* of Aristophanes”, de Barkhuizen, e o livro *O dono da voz e a voz do dono*: a parábase na

¹ Solange ALMEIDA. Universidade Federal do Ceará (UFC).
solangemsalmeida@gmail.com

² Ana Maria POMPEU. Universidade Federal do Ceará (UFC).
amcpompeu@hotmail.com

comédia de Aristófanes, de Adriane Duarte. São analisados nesta peça, os elementos textuais que reforçam a ideia da riqueza como uma ilusão. Estes elementos estão presentes, principalmente, nas falas das personagens Pobreza (carência) e Pluto (riqueza). O artigo citado é utilizado para auxiliar a fundamentar a ideia de que a virtude não tem relação alguma com a riqueza ou com a pobreza.

A riqueza é uma ilusão

Pluto é a mais tardia entre as onze peças completas, de Aristófanes, que chegaram aos dias de hoje. Ninguém sabe se, por causa da situação político-econômica de Atenas ou por um desejo de inovação por parte do autor, esta comédia sofreu algumas mudanças em relação às anteriores: não há mais parábases; a participação do coro é quase inexistente; o *agón* surge de forma modificada e a crítica deixa de ser política para ser mais social, concentrando-se mais em temas universais do que nos locais. Segundo Duarte (2000, p.221): “Nota-se também o enfraquecimento do protagonista, Crêmilo, que divide com Carião, seu escravo, a condução das cenas episódicas”. Este tipo de escravo será uma personagem com papel relevante na futura comédia de Plauto (Comédia Romana).

Esta peça foi produzida em 408 a. C., conforme atestam os escólios 173 e 179. Mas, a versão que temos é a que foi encenada em 388 a. C. e, de acordo com o Argumento III, não é a mesma versão da anterior. Juntamente com *Assembleia das Mulheres*, *Pluto* é considerada pertencente à Comédia Intermediária (Comédia Média) ou, no mínimo, seria uma comédia de transição para esta fase.

O enredo de *Pluto* poderia ser resumido assim: Crêmilo, um velho e pobre camponês, preocupado com o futuro de seu filho, consulta o oráculo do deus Apolo, em Delfos, para saber que tipo de educação deve oferecer ao rapaz. Obedecendo à orientação deste, segue o primeiro homem que aparece à sua frente, um mendigo. Depois de muita dificuldade, descobre que está seguindo, na verdade, o deus Pluto. Ao questioná-lo sobre a má distribuição da riqueza entre os homens, descobre que Zeus o cegou para que não pudesse mais ver a quem ajuda. O camponês resolve procurar ajuda para curá-lo, restituindo a visão ao deus, mesmo que isto seja contra a vontade de Zeus.

Desde o princípio da peça, é mostrada a relutância de Pluto em ser curado, pois além do temor de desobedecer a Zeus, ele não concorda com o plano de Crêmilo de distribuir a riqueza de forma diferente daquela determinada pelo deus: “Zeus, bem o sei, se conhecesse as maluqueiras desta gente, esmagar-me-ia” (v.120).

Crêmilo pretende distribuir a riqueza entre os homens pobres, os quais ele julga serem justos e, ao mesmo tempo, tornar todos os homens ricos, que ele julga injustos, pobres. O deus tem uma visão bastante pessimista sobre todas as criaturas humanas e também sobre as divinas. Por este motivo, preferiria deixar tudo como estava.

Depois de ser persuadido por Crêmilo e Carião, Pluto resolve submeter-se à cura de sua cegueira. Neste mesmo momento, entra em cena a personagem Pobreza falando da necessidade inerente a toda sociedade de manter pobre uma parte da sua população, pois isto manteria as relações em equilíbrio:

Se Pluto voltasse a ver de novo e se repartisse por igual, ninguém mais de entre os homens se preocuparia com a arte ou com a sabedoria. E tendo vocês feito desaparecer estas duas, quem quererá trabalhar os metais, construir navios, coser tecidos, fazer rodas, cortar o couro, moldar tijolos, lavar, fazer correias ou “com o arado rasgando a terra a superfície, colher o fruto de Deméter”, se vos for possível viver na ociosidade, sem vos preocupardes com nada disso? (v. 510-515).

A Pobreza mostra a Crêmilo que, numa sociedade igualitária, ninguém sobreviveria a não ser pelo seu próprio labor e esforço. Afinal, se a riqueza fosse repartida para todos, não haveria pessoa alguma interessada em fazer serviços difíceis, na realidade, todos quereriam pagar por estes. E aqueles que antes viviam com um pouco de conforto, levariam “uma vida muito mais dolorosa do que a atual” (v. 525).

Uma sociedade assim seria uma utopia, uma mera ilusão. De que adiantará ter dinheiro se nada terá para comprar? De acordo com a Pobreza, somente com a sua presença haverá serviços e serviços, “porque eu fico aqui como uma patroa que força o trabalhador manual, por meio da necessidade e da pobreza, a procurar os meios de vida” (v. 533-534).

Barkhuizen, em seu artigo “The *Plutus* of Aristophanes”, elenca alguns tópicos para demonstrar que a realização do plano de Crêmilo não passa de uma ilusão. O autor divide a peça em duas partes: na primeira, estaria a ideia do plano e na segunda, a sua realização.

Na primeira parte da peça são apresentados indícios do futuro fracasso do plano:

(a) Quando Pluto dá a sua opinião sobre os homens: “Isso é o que todos dizem. Mas quando verdadeiramente me apanham e se tornam ricos, simplesmente ninguém os excede em velhacaria.” (v. 107-109)

(b) Quando Pluto diz que Zeus o fez cego por ciúmes dos homens a quem ele fazia ricos: “Foi Zeus que me fez isto, por má vontade aos homens. Quando eu era rapaz, ameacei que só me dirigiria aos justos e sábios e honestos. E ele fez-me cego, para que não distinguisse nenhum deles. É assim que ele inveja os bons.” (v. 87-92) e, logo depois, Carião diz que os homens bons pedem a Zeus que os façam ricos, isto é, eles louvam o deus não por respeito, mas por interesse, portanto o pobre “bom” não seria tão “bom” e “justo” assim.

(c) Quando Crêmiло tenta convencer Pluto de que seu poder é maior do que o de Zeus:

CRÊMILO

Está calmo. Eu provar-te-ei que tens muito mais poder do que Zeus.

PLUTO

A mim? Tu?

CRÊMILO

Sim, pelo Céu, e já!

(*Para Carião*) Por que é que Zeus reina sobre os deuses?

CARIÃO

Pelo dinheiro, porque tem muitíssimo.

CRÊMILO

Aí está! E quem é que lho dá?

CARIÃO (*Apontando para Pluto*)

Este aqui.

CRÊMILO

Por que é que fazem sacrifícios em honra dele? Não é por causa deste indivíduo?

CARIÃO

Sim, por Zeus, rezam para enriquecerem sem demora.

CRÊMILO

Não é esse sujeito então a causa, e não acabará com tudo isso facilmente, se quiser?

PLUTO

Por que, afinal?

CRÊMILO

Porque nem um só dos mortais sacrificará, nem boi, nem bolo, nem coisa nenhuma, se tu não quiseres.

PLUTO

Como?

CRÊMILO

Como? Naturalmente não tem meio de os comprar, se, com a tua presença, lhe não deres o dinheiro, por tal forma que, se lhe causares alguma dificuldade, tu sozinho destruirás a força de Zeus.

PLUTO

Que dizes tu? É por minha causa que lhe fazem sacrifícios?

CRÊMILO

É o que te digo. E por Zeus, se há alguma coisa de brilhante, belo e agradável aos homens, é graças a ti que acontece. Tudo será submetido à riqueza.

(v. 128-147)

Em seguida, Crêmilo e Carião dizem ao deus que o homem fica saciado de tudo menos de riqueza:

CRÊMILO

E, por Zeus, muito mais do que isso, de tal modo que jamais alguém está cheio de ti. De tudo o resto nos saciamos: de amor...

CARIÃO

de pão...

CRÊMILO

de música...

CARIÃO

de guloseimas...

CRÊMILO

de glória...

CARIÃO

de bolachas...

CRÊMILO

de coragem...

CARIÃO

de figos secos...

CRÊMILO

de ambição...

CARIÃO

de papas...

CRÊMILO

de comandos militares..

CARIÃO

de sopa de lentilhas...

CRÊMILO

Mas de ti nunca ninguém ficou cheio.

(v. 188-193)

Que Pluto recuperará a sua visão ainda que ele, Crêmilo, precise morrer: “Não tenhas nenhuma preocupação, meu caro! É que eu, fica-o sabendo, ainda que tenha que morrer, farei tudo.” (v. 216-217)

Que Pluto deverá encher a sua casa de riquezas e, finalmente, que tem mais amor ao deus do que ao seu filho e à sua esposa: “Mas entremos, pois quero que te vejam minha mulher e meu filho único que é quem mais amo, depois de ti.” (v. 249-151)

(d) Quando a avareza de Crêmilo é reforçada pela avareza do coro de pobres camponeses, seus “bons” amigos, que sabendo da empreitada do companheiro já anunciam que o ajudarão e que não deixarão o deus escapar:

CORO

Coragem! Tu acreditarás imediatamente no meu ar marcial! Seria uma desgraça se, por causa de três óbolos, andássemos aos empurrões em cada sessão da assembleia, e eu deixasse agora que outrem deitasse a mão a Pluto em pessoa.

(v. 328-331)

(e) E, por fim, temos o *agón* entre Pobreza e Crêmilo (v. 415-626). A deusa utiliza, entre outros argumentos, o de que há uma íntima relação entre pobreza/riqueza e *sophrosyne/hybris* (moderação/excesso). Mas, o camponês continua “cego” em seu propósito, apesar dos avisos e conselhos desta e teimosamente esbraveja: “Não me persuadirás, mesmo que me persuadas” (v. 600).

Com estes indícios, o autor pretende provar que Aristófanes já está preparando, ironicamente, o público para ver que a realização do plano de Crêmilo não passa de uma ilusão. E esta utopia estaria em vários níveis da existência humana:

(a) No nível de relações pessoais de Crêmilo (v. 771-801):

CRÊMILLO

Que vão para os corvos! Como são coisa difícil os amigos que aparecem de repente quando uma pessoa tem um êxito. É que apertam e ferem as canelas, cada um deles a fazer mostra de uma certa boa vontade. A mim, quem não saudou? Que multidão de velhos me não rodeou na Ágora? (v. 782-787)

Depois de tornar-se rico, Crêmilo não tem mais tanta paciência com seus pobres “bons” amigos e acha-os muito aborrecedores. Isto confirma a tese inicial de Pluto de que aquele que o tem ao seu lado torna-se avarento.

(b) No nível de vida civil e política (v. 823-958). Surgem dois homens, um justo que quer fazer uma oferenda ao deus e um injusto que, perdeu todo o seu dinheiro, mas cobra a sua participação na divisão da riqueza proposta por Crêmilo a Pluto.

JUSTO

Venho ter com o deus, porque ele é para mim a causa de grandes bens. Eu recebi uma fortuna suficiente de meu pai e costumava socorrer os meus amigos necessitados, convencido de que este procedimento era útil na vida. (828-831)

JUSTO

Tal qual. E estava eu convencido de que aqueles que até então eu ajudara, quando estavam em apertos, haviam de ser realmente meus amigos seguros, se alguma vez eu viesse a precisar. Mas eles afastavam-se de mim e pareciam já não me ver. (834-837)

JUSTO

Tal qual. Fiquei teso e sem recursos e isso matou-me. Mas não agora! E é por isso que eu venho rezar ao deus, com toda a razão, neste local. (839-841)

SICOFANTA

Infeliz de mim, como estou perdido, desgraçado que sou! E três vezes infeliz, e quatro e cinco vezes, e doze e dez mil vezes! Oh, Oh! De tal modo estou submerso num destino cheio de infelicidades! (850-853)

SICOFANTA

Não acabo de passar males terríveis, perdendo tudo o que tinha em casa, por causa deste deus que há-de voltar a ser cego, se a justiça me não abandonar? (856-859)

SICOFANTA

Onde, onde está o que prometia sozinho fazer-nos a todos ricos depressa, se pudesse voltar a ver de novo? Ele, muito mais do que isso, destruiu alguns. (v. 864-866)

(c) No nível erótico (v. 959-1096). Surge uma velha reclamando que um “bom” rapaz pobre, que outrora parecia amá-la, agora, tornou-se rico e a ignora. Isto prova que a ideia de que os pobres são justos e bons, é uma ilusão. Pois, depois de rico, o rapaz destrata a velha, que há tempos, o sustentava.

VELHA

Ora ouve! Eu tinha um mocinho por amigo, pobrezito, mas bem parecido e belo e bom. Se eu precisava de alguma coisa, ele tudo fazia ao meu serviço com delicadeza e graça. E eu, pela minha parte, servia-o em todos os seus desejos. (v. 975-979)

VELHA

É justo, por Zeus, que ele force aquele a quem eu fiz bem, por sua vez, a proceder bem comigo. Ou é justo que eu não receba recompensa alguma? (v. 1028-1030)

(d) No nível da religião (v. 1097-1207). Hermes surge e relata a Carião a fúria de Zeus, pois, desde que Pluto voltou a enxergar, ninguém mais faz sacrifícios em seu nome. Hermes também está preocupado com sua própria fome, pois nunca mais recebeu um

bolo bem cozido de ninguém. Depois, surge o sacerdote de Zeus Salvador reclamando fome, pois também dependia dos sacrifícios. Este, assim com Hermes resolve seguir Pluto, o novo Salvador. Ao final da peça, Crêmilo organiza uma procissão em homenagem a Pluto.

Considerações finais

Após a exposição das hipóteses de Barkhuizen, baseadas na descrição de algumas cenas da peça, pode-se concluir que aquilo que Crêmilo tomava como certo no início da peça mostrou-se enganoso.

A ideia de que todos os homens pobres eram bons e que mesmo depois de ricos assim permaneceriam foi posta à prova diante da riqueza do próprio camponês. Ele que pretendia dividir a sua riqueza com seus pobres “bons” amigos, logo mudou de comportamento.

Portanto, a conclusão de Barkhuizen de que “não há de fato relação alguma entre virtude e riqueza e pobreza” pode ser comprovada através das cenas expostas por este.

Em *Pluto*, Aristófanes conseguiu retratar, com graça e poesia, que a riqueza é uma ilusão.

Referências

ARISTÓFANES. *Pluto*. Tradução: Américo da Costa Ramalho. Coimbra: INIC - Instituto Nacional de Investigação Científica, 1982.

BARKHUIZEN, Jan H. “The *Plutus* of Aristophanes”. *Acta Classica*, 1981, V.24, p.17-22.

DUARTE, Adriane da Silva. *O dono da voz e a voz do dono: a parábase na comédia de Aristófanes*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: FAPESP, 2000.